Solidariedade como um sentido mais profundo da cruz – Juan Stan

Texto: 2 Cor 5:21; Gl 3:13 (1)

Não admira que Paulo disse que a cruz é loucura e escândalo (1 Cor 1: 18-23); se a sua "irracionalidade" não chocar-nos, nós não começamos a compreender o seu significado. A teoria tradicional de "substituição" (devo dinheiro na loja, mas um amigo paga para mim, eu sou um prisioneiro sob sentença de morte, mas um amigo me visitar no celular, trocar de roupa, eu vou livre e o amigo morre no meu lugar) é uma simplificação que trai os dados bíblicos, e faz com que a morte de Jesus seja uma injustiça (Camus, Bernard Shaw, Domenic Crossan). A morte de Cristo não pode ser entendida como uma operação externa e objetiva, uma espécie de troca.

Sem tentar "explicar" a cruz, dois pontos importantes podem, pelo menos, começar a esclarecer o seu significado. Em primeiro lugar, nunca devemos esquecer que, no nível histórico e humano, a morte de Jesus na cruz não foi um mero desconectado Episódio em toda a sua vida, mas foi a consequência inevitável de sua maneira de ser e de viver. Corajosamente em agitadas polêmicas com os líderes e todas as "pessoas boas", defendeu aqueles que eram "pessoas más" aos olhos da sociedade.

Ele começou a última semana de sua vida com uma marcha pública, seguido de um protesto violento no mesmo templo. Sua personalidade e comportamento eram insuportáveis para as autoridades. Assim entendida, foi morto por subversiva.

A segunda faixa, o que ajuda ainda mais, nos dá João Calvino, juntamente com os outros. Calvino introduz o terceiro livro de Institutos da religião cristã, apenas sobre a salvação, com um ponto muito importante:

“Antes de tudo, note que, enquanto Cristo está longe de nós e ficarmos longe dele, tudo sofreu e fez para a redenção da raça humana, não nos ajuda em nada, não deixamos a todos. Portanto, para que você possa comunicar bem o que recebeu do Pai, que Ele deve fazer o nosso e habitar em nós. Por esta razão, é chamado de "nosso Senhor" e "primogênito entre muitos irmãos"; e afirmamos que somos "enxertados em Deus" (Rom 8,29; 11 17; Gal 3,27); porque, como eu disse, nenhuma dessas coisas que não pertencem nem possui nós temos que fazer com eles, já que não é feito uma coisa com ele.” (Calvino Inst 3.1).

Curiosamente, foi apenas na última edição de seu opus Magnum que Calvino introduziu esta forte ênfase na identificação da solidariedade de Cristo com as pessoas como a chave para a sua obra redentora. Parece que tão fascinado o assunto, que cunhou um conjunto muito rico de expressões latinas na matéria ("cum Deo nostrae coniunctionis" 3.6.2 ", cum ipse in unum coalescimos" 3.1.1 ", participatione Christi em" 3.16.1; Cristo "agglutinavit Societatem nobis" 3.2.24 etc.).

Para Calvino, o Cristo que nos justifica e redime não é um "Christus extra de nós", mas nos redime "a coalescência no mais íntimo" Us (3.11.10) em um "casamento sagrado" (3.1.3 "coniugium sacro ") entre ele e nós. Não consideramos Cristo "como algo separado de nós" (procul stantem), mas "em vez disso, habita em nós" (3.2.24). Para o "habitatio Christi em cordibus nostris" (3.11.10) que compartilhamos "vita em Consortio" (3.8.1; cf. 3.6.5). Esta relação é uma espécie de amálgama ligado, em que o Espírito Santo é a "Vinculação" (3.1.1). "Nós incorporado em seu corpo, ele compartilha não só os seus bens, mas também de si mesmo" (3.2.24).

Tudo isso pode ser entendido como o que hoje chamamos de "solidariedade". Cristo na luva nos fez, e fez-nos de mãos dadas com ele. Pode ser visto como uma espécie de "transplante completo." Cristo tomou o nosso pecado, pois levou-nos dentro dele e ele veio dentro de nós, unidos em um só corpo. Ele era mais do que um "representante" e muito mais do que um "substituto". Sua solidariedade chegou a um tal grau de

identificação, seria mais fácil para os dois gêmeos siameses separados para o separavam de nós (3).

Jesus disse e praticou este nascimento de solidariedade em seu estilo de vida e em sua morte. Quando o Verbo se fez carne, e identificando-se com toda a nossa fragilidade, também passou, como todos nós, nove meses em pré-natal. Com efeito, foi concebido no ventre de uma mãe solteira, o que para os vizinhos e, certamente, não parecia um milagre, mas um escândalo.

Então, depois de seus inimigos lançarem em rosto, dizendo: "Nós não nascemos da prostituição" (Jo 8:41), e por alguns rabinos mais tarde chamado de "o bastardo de Nazaré". No oitavo dia, Jesus foi circuncidado (definitivamente como qualquer criança) e, em seguida, seus pais ofereceram duas rolas para a purificação da criança e sua mãe (Lucas 2: 21-23; o pai não tinha culpa no assunto e não precisava de purificação).

Como um jovem, Jesus teve alguns atritos com seus pais (Lucas 2: 48-49) e trabalhou cerca de dezoito anos como um carpinteiro da classe trabalhadora. Quando ele começou seu ministério, foi submetido ao "batismo de arrependimento" humilhante por João Batista, "para cumprir toda a justiça."

Embora ele não tivesse pecado para arrepender-se, é identificado com nós pecadores para a nossa redenção ("toda a justiça"). Em seu comportamento e estilo de vida, Jesus também identificou-se com os pecadores; foi condenado pelos fariseus por ser um amigo de pecadores (Lucas 15: 1-2; 5: 29-32; 7: 33-39). Ele estendeu a mão para tocar os doentes, os leprosos e os mortos, que eram cerimonialmente impuros para entrar no templo.

Ele era um amigo das "pessoas más" por isso foi desaprovada pelas "boas pessoas". Ele foi suave e compassivo com os pecadores, mas muito dura com os hipócritas; agressivo e ofensivo; chegou a afirmar que os publicanos e as meretrizes entrarão no reino de Deus diante dos fariseus (Mt 21:31). Em tudo isso, diante dos sacerdotes e mestres da lei, ele foi "feito pecado" por meio de sua inseparável solidariedade para com os pecadores.

Esse tipo de solidariedade para com os marginalizados e os mais desfavorecidos da sociedade nunca é bem-vinda pelos poderosos. Não é de surpreender que muito cedo eles começaram a conspirar para matá-lo. E muito menos quando deixou ser chamado de "rei dos judeus" sempre defendeu vítimas do sistema, entrou no capital de uma marcha triunfal e derrubou o negócio sujo da poderosa na casa do Senhor, denunciando-os a eles por converter o templo em um covil de ladrões.

Tudo isso valeu-lhe a solidariedade profética e a morte. A cruz era um instrumento de execução pública para os inimigos do sistema. Era o preço da solidariedade para as pessoas que ousaram servir ao Reino de Deus e Sua justiça.

Finalmente, a mesma morte foi a expressão suprema de solidariedade que começou com seu nascimento. Ao assumir a condição humana, fez incondicionalmente, sem solidariedade reserva ("Concordo em nascer e viver na carne, mas não morrer, porque eu sou Deus e Deus não morre, menos eu posso me fazer pecar e maldição." Como isso é possível para o próprio Deus?) Aqui podemos ver a loucura e escândalo da cruz.

Mas na cruz de Cristo também tem sua lógica, e a lógica da solidariedade incondicional. Humanamente falando, que a morte violenta foi a consequência lógica e inevitável de uma vida que o poderoso nunca toleraria. Mas evangelicamente falando, Cristo endossou nossos pecados, a nossa justiça; endossou a nossa morte para libertá-la. Cristo foi abandonado por seu pai (novamente, incompreensível para a compreensão humana ;. "!? Deus abandonado por Deus Como pode ser isso", exclamou Luther "não consigo entender"). Mas ele foi abandonado por seu pai, que nunca será. E em que a morte de solidariedade ", Deus mostrou a Sua justiça, para que Ele [Deus] seria justo e justificador dos injustos", com o qual manifestou solidariedade (cf. Rom 3: 25-26).

"Oh Cristo", Lutero disse: "Eu sou o seu pecado, e você é a minha justiça" (2 Cor 5,21). E isso, não por alguma transação externa e abstrata, mas por sua solidariedade ao fim. "Ele foi obediente até à morte e morte de cruz" (Fl 2: 8). Tendo amado, nos amou até o fim (Jo 13, 1).

Notas

1) A tradução de 2 Cor 5:21 na NVI: "Deus fez dele um pecador", fica aquém do sentido do texto grego, Hemon huper hamartian epoiesen; "Pecado Feito por nós."

2) O primeiro capítulo do Livro III (3.1) é completamente novo na edição de 1559, como também é o lugar de descanso final atribuído a união com Cristo em todo o terceiro livro (Barth, Church Dogmatics IV / 3: 552-3).
3) Sem dúvida, essas formulações podem ser dado a exageros e equívocos, mas compreender melhor a sua força e significado profundo, como o próprio Calvino, se sobre formulamos.

Fonte: www.kairos.org